



RAIZ E RESISTÊNCIA

COMUNIDADES TRADICIONAIS
E TERRITÓRIOS DE VIDA

EXPEDIENTE

Realização

Comissão Pastoral da Terra – Minas Gerais, Bahia e Regional Nordeste 2

Apoio

Horizont3000 – Casa do Mundo (Welthaus) – DKA
Áustria

Projeto gráfico e diagramação

Isabela Freire

Revisão

Giselda Vilaça

Textos

Eduardo Fernandes de Araújo
Gilmar Santos

Impressão

Gráfica

Organização

Lauana Sento Sé
Renata Albuquerque

SUMÁRIO

11

APRESENTAÇÃO

15

INTRODUÇÃO

17

DIREITOS E CONQUISTAS

21

DEPOIMENTOS E FOTOGRAFIAS

42

CORDÉIS

47

COMUNIDADES REGISTRADAS



Crianças no território quilombola Águas do Velho Chico, Orocó/PE, 2016. Foto: Vanessa Acioly.

“SOMOS FILHOS E FILHAS DA RESISTÊNCIA, FORJADOS E FORJADAS NA LUTA POR NENHUM DIREITO A MENOS. ESTAMOS AQUI PORQUE SOMOS A MARCA DA RESISTÊNCIA. O TERRITÓRIO ESTÁ EM MIM, ASSIM COMO ESTAMOS NO TERRITÓRIO”.

JEFERSON PEREIRA

Comunidade Quilombola Umurana,
território Águas do Velho Chico/PE.

“TODOS NASCERAM E SE CRIARAM AQUI, NÃO TEM NINGUÉM DE FORA, DE LUGAR NENHUM, É TRADIÇÃO. MINHA MÃE E MEU PAI DIZIAM QUE MEU BISAVÔ VEIO DE JUAZEIRO, DO CRATO DO CEARÁ, EM 1860, FUGINDO DE UMA GRANDE SECA. A LUTA DA GENTE VAI SER UMA HERANÇA PARA NOSSOS NETOS E BISNETOS. A GENTE TEM QUE RESISTIR PARA EXISTIR, NÃO TEM OUTRA SOLUÇÃO NÃO, SOLUÇÃO É RESISTIR PARA PODER EXISTIR”.

JOAQUIM FERREIRA DA ROCHA (SEU QUINQUIM)

Líder comunitário do território de Fundo de Pasto de Areia Grande, Casa Nova/BA - falecido em agosto de 2017.



Território tradicional de fundo de pasto de Areia Grande, Casa Nova/BA. No final da década de 1970, o local foi alvo de uma grilagem de terras em benefício da empresa Agroindustrial Camaragibe. Foto: Arquivo CPT Bahia.



Batuque na comunidade Marobá dos Teixeira, Almenara/MG, 2015. Foto: Edivaldo Ferreira.

“O TERRITÓRIO, ESSE ESPAÇO FÍSICO, ESTÁ INTERNALIZADO NAS PESSOAS. ENTÃO É TAMBÉM UM ESPAÇO SIMBÓLICO, QUE DÁ IDENTIDADE. OS QUE RETORNARAM AOS SEUS TERRITÓRIOS DEPOIS DE MUITOS ANOS RECUPERARAM AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS PRÓPRIAS QUE FICARAM REPRIMIDAS. RECUPERAR ISSO É FATOR E SINAL DE NOVA VIDA E DE SAÚDE DA COMUNIDADE. OUTRA COISA BASTANTE IMPORTANTE SÃO AS LUTAS, SE MANTER EM PÉ E NÃO FUGIR. PERMANECER É UMA FORÇA IMPORTANTE E SINAL DE UMA NOVA SOCIEDADE”.

MARIA ROSA

Comunidade Quilombola Marobá dos Teixeira, Almenara/MG.



Fincando o Pé na Fazenda Monte Cristo, em Posses da Monte Cristo - Salto da Divisa/MG, 2015. Foto: Edivaldo Ferreira Lopes.

APRESENTAÇÃO

COMUNIDADES TRADICIONAIS

“(...) COM UMA ROSA E O CANTAR DE UM PASSARINHO,
NUNCA NESSE MUNDO SE ESTÁ SOZINHO”

“(...) nós vamos continuar lutando e dizendo: nós estamos aqui. Nós estamos na luta para a terra ser melhor. Nós vivemos hoje o legado do sangue dos nossos antepassados. Nossos mártires hoje, quilombolas, indígenas, que estão sendo assassinados porque estão lutando pelo direito à vida”.

DONA DIJÉ²

Dona Maria de Jesus Bringelo, Dona Dijé, fez a sua passagem, faleceu, floriu no mistério, virou semente, tornou-se ancestral no dia 14 de setembro de 2018. Nascida em 01 de janeiro de 1948, no quilombo de Monte Alegre, estado do Maranhão, identificava-se como mulher negra, mãe, quilombola, quebradeira de coco babaçu, fundadora do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). O MIQCB, em nota de pesar, reproduziu a seguinte frase de Dona Dijé: *“Nós queremos o território para nascer, viver, germinar e morrer (...). A terra é o espaço da liberdade”.*

Essa nota sobre as Comunidades Tradicionais, no Catálogo da Exposição Itinerante *Raiz e Resistência: comunidades tradicionais e territórios de vida*, organizado pela Comissão Pastoral da Terra Bahia, Minas Gerais e Nordeste 2, é uma formidão apenas de homenagear Dona Dijé, mas também as contínuas (re)existências em constante polinização de essências que ocupam os territórios brasileiros e *afro-ásio-latino-americanos*. Territórios com gente que cuida dos matos, dos bichos, dos rios, das marés, das florestas, dos sagrados, da caatinga, dos fundos e fechos de pasto, do Velho Chico, das (inter)

1 Domingo 23, música e letra de Jorge Ben Jor, álbum, Ben (1972).

2 Matéria publicada em 13 de setembro de 2017, pela Rede Brasil Atual. Protagonismo: *‘Agroecologia deu voz ao nosso saber’, diz Dona Dijé*. Por Cida de Oliveira. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br>>. Acesso em 14 de setembro de 2018.

culturas, das religiosidades, dos cotidianos, das organizações, dos direitos, dos deveres, *dos devires e do por vir*.

As imagens deste catálogo são memórias em circularidade. Trazem suor, sorrisos, movimentos, sentimentos, histórias, ditados, causos, prosas de terreiro, novenas, danças (ritmos), músicas, artesanatos, *saberes-fazeres*, plantio e colheita de alimentos e seus preparos para que sejam energia corporal e espiritual de novos dias. Esses sabores, *saberes-fazeres* e as paisagens das memórias encontram na *tradicionalidade* uma das formas legítimas para que a sociedade brasileira e o Estado comecem a enxergar além das suas miopias institucionais e do racismo institucional constante.

O poder ancestral da memória comunitária traz para as fotografias “cabaças”³ de longa duração, daquelas que salvaguardam o direito de (re) existir. Além disso, os depoimentos auxiliam na preservação e conservação dos sentimentos, das lembranças de uma determinada situação e da esperança de uma Terra

EDUARDO FERNANDES DE ARAÚJO⁴

sem males. Através disso, construímos as afetações e o poder de fazer-viver memórias que geram difusão de histórias. Vencer a batalha territorial das nossas memórias, contra a hegemonia do capital e suas derivações é uma missão fundamental.

As rosas, os passarinhos, as lideranças comunitárias, as formas de (re) existência das comunidades tradicionais, descritas ou não em lei, são como Dona Dijé, Dona Rosa, Seu Quinquim, Jeferson Pereira, Maria do Carmo, Tonis Mário de Oliveira, Maria Cristina Gueiros, Zoraide, Dona Antônia, Seu Romeu, Odetina Maria de Jesus, Denilson Santos Mendes, Flávio Alves dos Santos, Jurandir de Souza, Ivo Castro Reis, Dona Marinete, Cintia Mendes Barbosa, Maria de Lurdes Silva, Izabela Francisca Barbosa, Rosângela Santos, Silvano José dos Santos, Edicleia Barbosa Quirino, Dener Ronaldo Mendes de Oliveira, Elia Sodré e Anselmo Ferreira, e tantos outros e outras: sabem que nunca nesse mundo se está sozinho.



Flores do Cerrado, em Barra/BA, 2006. Foto: João Zinclar

³ Design comum a plantas da família das cucurbitáceas e a uma das famílias das bignoniáceas, cujas cascas dos frutos, muito duras, são usadas no fabrico de diferentes objetos.

⁴ Professor do Departamento de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba (Cidade de Santa Rita), fundador e integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI - UFPB). Atualmente está no doutorado do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra realizando uma pesquisa sobre memórias coletivas, mobilizações por direitos e comunidades quilombolas no Brasil a partir (e com) o quilombo de Conceição das Crioulas (Salgueiro – PE).



Mobilização sobre a situação da água nos brejos, na Comunidade São Felipe, em Canápolis/BA, 2016. Foto: Thomas Bauer. © Thomas Bauer/CPT Bahia



Mobilização quilombola, em Brasília, pela manutenção do decreto 4887/03, que regula os procedimentos administrativos para a titulação de territórios quilombolas, em 16 de agosto de 2018. Foto: Renata Albuquerque

INTRODUÇÃO

“O território para nós quilombolas é tão importante quanto a vida. Com o território, temos a nossa liberdade, a nossa sobrevivência. É como se fosse nosso sangue.”

Dona Zoraide

Comunidade Quilombola de Fidelão, Capoeiras/PE.

Em meio à violência dos que proclamam a morte, resistem homens e mulheres que lançam luzes capazes de alumiar a vida e a utopia. Assim são as comunidades tradicionais, os povos da Terra, das Águas e das Florestas.

Tratados pelas elites e pelo Estado como refugiados dentro do seu próprio país, vivem contextos de ameaças, intimidações, perseguições, expulsões e de negação de direitos. Sabem que para existir é preciso resistir e combater a violência e a injustiça de um sistema que deseja matá-los ou deixá-los morrer.

Contrariando a sina que lhes foi imposta, esses caminhantes alvorecem anunciando um novo mundo, colorido, possível e real,

contrapondo-se à hegemonia e ao cenário monocromático do latifúndio e do agronegócio que, frequentemente, assaltam seus territórios. Na luta e na resistência cotidiana em seus territórios tradicionais e através de suas experiências comunitárias, da ancestralidade e da sua relação com a natureza, esses homens e essas mulheres demonstram ser portadores e portadoras de sonhos, de um mundo de solidariedade, de cooperação e de justiça.

Foram essas práticas de resistências e de existência tão historicamente e deliberadamente silenciadas que motivaram a Comissão Pastoral da Terra a reunir imagens e depoimentos, dando cor e forma à exposição itinerante Raiz e Resistência: comunidades tradicionais e territórios de vida.

A exposição - que recebeu o apoio das organizações de cooperação internacional H3000, DKA e Casa do Mundo - reúne ao todo 150 imagens de comunidades tradicionais acompanhadas pela CPT Bahia, Minas Gerais e Nordeste 2. São imagens captadas a partir de um olhar pastoral sobre a realidade e o cotidiano de centenas de famílias que partilham sonhos e experiências na luta por justiça, por dignidade e por território.

As abordagens e temas fotografados são plurais e diversos, e expressam o caminho trilhado para a conquista da vida. Vão desde os momentos de enfrentamentos, violências decorrentes de conflitos agrários e organização comunitária, a imagens do cotidiano

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA

BAHIA

MINAS GERAIS

REGIONAL NORDESTE 2



Mulher varre terreiro na comunidade Conceição das Crioulas, Salgueiro/PE, 2017. Foto: Renata Albuquerque

que expressam sua relação com a natureza, a cultura, a fé e a religiosidade, seus objetos simbólicos, o trabalho e o alimento que nutre essa jornada.

As fotografias foram feitas especialmente entre os anos de 2012 e 2018 por agentes pastorais da CPT em sua atuação e acompanhamento às comunidades e, também, por parceiros e parceiras da CPT. Já algumas fotografias mais antigas pertencem ao acervo da Pastoral. São imagens que partilham uma mirada repleta de esperança e que desejam abrir caminhos para os significados que revelam a vida e celebram a força dos povos do campo.



Produção de alimentos na comunidade Paraguaí, em Felizburgo/MG. Foto: Edivaldo Ferreira Lopes.

DIREITOS E CONQUISTAS

As Comunidades Tradicionais no Brasil são constituídas por uma vasta diversidade de grupos étnicos, raciais e socioculturais que se revela através da pluralidade de *fazer-saberes*, de linguagens, de religiosidades, de modos de vida, de diferentes formas de organização e de relações com a natureza.

Esses povos e comunidades tradicionais sempre (re)existiram, mesmo que invisibilizados perante grande parte da sociedade vivendo, invariavelmente, sob o jugo da violência do latifúndio, do descaso do Estado, do preconceito, do racismo e da opressão. Enfrentaram, durante séculos, a crueldade contra si e seus territórios frequentemente usurpados para que o poder do capital se expandisse no campo.

Vale destacar que mesmo com momentos de grandes mobilizações por direitos - como foram os que antecederam à criação da Consolidação das Leis do Trabalho (1943), e, mais adiante, os que antecederam o golpe civil-militar de 1964 - até os anos de 1980, somente os povos indígenas, com o Estatuto do Índio (1973), possuíam uma legislação específica. Ainda assim, era considerada uma

legislação assimilacionista, ou seja, não respeitava a autonomia dos povos originários, ao contrário, colocava-os como “tutelados” pelo Estado.

Enquanto isso, a diversidade camponesa no Brasil era categorizada como posseiros, trabalhadores rurais, meeiros, camponeses ou lavradores, sem que a dimensão particular de cada povo e comunidade tradicional fossem levadas em consideração. Mas, o período de 1972 a 1988 foi marcado pelo fortalecimento de organizações de base, sindicatos e movimentos sociais, o que fez (re)emergir, no cenário político e jurídico, outras identidades camponesas.

A partir da constatação de todo o passado de violência a que foram submetidos, e a partir da intensificação de sua organização, resistência e luta, os povos e as comunidades tradicionais aumentaram sua força política, exigindo do Estado uma série de reparações históricas, culturais, econômicas, sociais e jurídica, principalmente, através do reconhecimento de suas identidades específicas e da garantia de direitos próprios. Nesse processo, os povos e as comunidades tradicionais con-

seguiram o reconhecimento de uma série de direitos, atualmente previstos na Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB) de 1988 que, além de garantir a posse dos territórios indígenas, reconhece pela primeira vez a existência das comunidades quilombolas e o direito ao título definitivo da propriedade coletiva de seus territórios tradicionais.

Outras conquistas importantes foram o reconhecimento pelo Estado brasileiro da aplicabilidade da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003 – que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras das comunidades dos quilombos - e o Decreto nº 6040, de 07 de fevereiro de 2007 (Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais).

Atualmente, no Brasil, são considerados povos e comunidades tradicionais: *“grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.”* (Artigo 3º, inciso I, do Decreto nº 6040 de 07 de fevereiro de 2007).

Os povos e comunidades tradicionais possuem identidades e perspectivas territoriais diversas, por não serem identidades fixas,

por vezes nem os territórios são, do ponto de vista normativo. As tradições se misturam e formam categorias múltiplas, geralmente definidas como⁵: quilombolas, ciganos, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco-de-babaçu, comunidades de fundo e fecho de pasto, moradores de terras de santo e de preto, comunitaristas de terreiros, faxinalenses, pescadores artesanais, marisqueiras, ribeirinhos, varjeiros, caiçaras, praieiros, sertanejos, jangadeiros, açorianos, campeiros, varzanteiros, pantaneiros, caatingueiros, entre tantos outros que não excluem a dimensão do trabalho rural ou campesino, ao contrário, ampliam e reinventam essas relações.

Graças a essas identidades e formas de relação territorial diversas, esses grupos procuram manter, em linhas gerais, o usufruto equilibrado e comunitário dos bens naturais, da terra, das águas e das florestas, assumindo a missão de preservá-los para honrar os seus ancestrais, proporcionar sustentabilidade para as gerações atuais e a garantia de direitos para aqueles e aquelas que virão no futuro. Ao buscarem no cotidiano uma convivência com respeito ao chão que pisam e a compreensão de que este é um espaço comum, vivenciam a sua (re)produção cultural, espiritual, social, política e econômica com a terra em uma perspectiva territorial.

5 Nesta publicação, os Povos Indígenas são considerados como Povos Originários, por isso não foram incluídos na lista de povos e comunidades tradicionais.

ALGUNS DIREITOS CONQUISTADOS*:

- » Direito de definir sua própria identidade (auto definição): é a própria comunidade ou povo quem deve definir se é ou não uma comunidade ou povo tradicional. Caberá ao Estado cumprir com as políticas públicas que são de sua responsabilidade e a sociedade respeitar a forma de vida de cada uma delas.
- » Direito à posse e propriedade coletiva das terras tradicionalmente ocupadas: as comunidades e os povos tradicionais devem ter seus territórios reconhecidos e protegidos, reforçando a dimensão territorial ampliada, envolvendo as áreas permanentes e as temporárias como forma de garantia e (re)produção dos seus modos de vida e relação com a natureza.
- » Direito à preservação do seu modo de vida: o modo de vida específico de cada comunidade, seja na relação com a terra, com o trabalho, com a cultura, com o lazer etc., deve ser respeitado, estimulado e protegido. Nenhuma política pública poderá interferir nesse modo de vida sem consentimento da comunidade (CRFB de 1988 e Convenção 169 da OIT de 1989).
- » Direito à titulação definitiva das terras (regularização fundiária): o Estado brasileiro é obrigado a reconhecer e proteger os territórios tradicionais. As comunidades, se assim quiserem, podem exigir a regularização fundiária de suas terras.**
- » Direito à consulta prévia, livre e informada: qualquer ato administrativo ou legislativo que irá afetar de alguma maneira uma comunidade ou povo tradicional deve ser feita mediante consulta anterior às comunidades, informando as reais implicações do ato que irá lhes afetar e que a mesma manifeste seu posicionamento livremente.
- » Direito a políticas públicas universais e específicas: por terem características próprias, as comunidades deverão ter políticas públicas também próprias que se adéquem e que contribuam para fortalecer o modo de vida desses grupos, porém, sem que deixem de ser atendidas políticas públicas universais de acesso à saúde, educação e ao sistema de justiça.

* Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT, recepcionada no Brasil como Decreto 5.051 de 2004, assinado pelo então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

** As terras tradicionalmente ocupadas por comunidades de Fundo e Fecho de Pasto no Estado da Bahia é regularizada pela Lei Estadual 12.910 de 11 de outubro de 2013. Essa lei também regulariza as comunidades quilombolas do Estado, mas faz tratamento diferenciado. Os quilombolas recebem títulos de terra definitivas, enquanto que os Fundos e Fechos de Pasto, fazem contratos de concessão de direito real de uso da área, com um prazo de 90 anos, renováveis por igual período.

O acesso ao território, às políticas públicas e a todos esses direitos universais ou específicos que podem garantir melhoria nas condições de vida, ainda está distante de se tornar realidade. O desafio do presente é a manutenção e efetivação desses direitos, sem esquecer que novas conquistas deverão acontecer com o reconhecimento de tantos

outros direitos que ainda estão por vir. A frase a seguir, dita muito frequentemente por homens e mulheres de povos e comunidades tradicionais, reafirma as razões pela qual é necessário lutar pela garantia dos direitos e pelo território: *“É preciso resistir para continuar existindo”*.

GILMAR SANTOS⁶

EDUARDO FERNANDES⁷



Mística de acolhida aos Missionários Dominicanos, em Posseiros da Monte Cristo - Salto da Divisa/MG, 2009. Foto: Edivaldo Ferreira Lopes.

⁶ Agente da Comissão Pastoral da Terra – Bahia.

⁷ Professor do Departamento de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba (Cidade de Santa Rita), fundador e integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI - UFPB). Atualmente está no doutorado do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra realizando uma pesquisa sobre memórias coletivas, mobilizações por direitos e comunidades quilombolas no Brasil a partir (e com) o quilombo de Conceição das Crioulas (Salgueiro – PE).

DEPOIMENTOS

“NOSSA COMUNIDADE É VISTA PELOS LATIFUNDIÁRIOS E GOVERNANTES COMO GENTE PREGUIÇOSA E SEM EDUCAÇÃO, COM ISSO NÓS SOFREMOS PRECONCEITOS. ÀS VEZES ELES PENSAM QUE NÃO NECESSITAMOS DE DIREITOS”.

MARIA CRISTINA GUEIROS

Comunidade Quilombola Cascavel,
Capoeiras/PE

“NOSSA REGIÃO SE ENCONTRA NUM ESTADO CRÍTICO, AQUELES GRANDES EMPRESÁRIOS DE LÁ ANDAM DESTRUINDO NOSSOS RIOS, ATERRANDO AS NASCENTES TODAS E NÃO TEM NENHUM ÓRGÃO PRA RESOLVER ISSO PRA NÓS. A GENTE PROCURA ALGUÉM PRA DENUNCIAR E NÃO ENCONTRA NINGUÉM. EU, COMO PESCADOR, SÓ VEJO TRISTEZA. MARIANA JÁ FOI E AGORA É A REGIÃO DO CERRADO QUE OS EMPRESÁRIOS ESTÃO LEVANDO”.

TONIS MÁRIO DE OLIVEIRA

impactado pelo agronegócio no Cerrado, Barreiras/BA.

“A PRINCIPAL CAUSA DOS CONFLITOS É A FALTA DE PRIORIDADE DO GOVERNO COM A QUESTÃO FUNDIÁRIA DOS QUILOMBOLAS. FALTA REGULARIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS”.

DONA ZORAIDE

Comunidade Quilombola de Fidelão, Capoeiras/PE

“QUE EU ME LEMBRE, DESDE QUE EU NASCI, MEU PAI TRABALHAVA NESSAS TERRAS, O PAI DO MEU PAI TRABALHAVA NESSAS TERRAS. MEU AVÔ CONTAVA AS HISTÓRIAS ANTIGAS DO POVO QUE VEIO PRA CÁ, ENTÃO TODA TERRA ERA DA GENTE. A GENTE NÃO TIROU TERRA DE NINGUÉM, ESSAS TERRAS SÃO DOS QUILOMBOS QUE VIERAM PRA CÁ. AGORA ESSE POVO RICO FOI PEGANDO PEDAÇO E PEDAÇO DA TERRA NOSSA”.

DONA MARINETE LOPES DA SILVA

Comunidade Castainho, Garanhuns/PE.

“NÓS PASSAMOS POR MUITA DIFICULDADE E TRISTEZA. QUANDO A GENTE VÊ A NOSSA

RESERVA DE ESTIMA SER INVADIDA POR GENTE DE FORA, PELO POVO DA EÓLICA, O MEDO É PERDER A NOSSA TERRA, ONDE PLANTAMOS A MANDIOCA, TIRAMOS A MADEIRA PARA FAZER A NOSSA CERCA, É DE ONDE TIRAMOS O NOSSO SUSTENTO PARA SOBREVIVER”.

ODETINA MARIA DE JESUS, 76 ANOS,

da Comunidade Quilombola de Malhada, Caetitê/BA

“O QUE O BRANCO SEMPRE TEM? O RECURSO, UM RECURSO, SEMPRE TEM UM MEIO DE SOBREVIVER MAIS FÁCIL. O NEGRO, NÃO. SEMPRE É DA PARTE MAIS FRACA NO DINHEIRO. POBRE. O NEGRO FAZ FORÇA COM MACHADO, ENXADA, XIBANCA, PICARETA. AGE COM TUDO QUE APARECER. A RIQUEZA DO RICO É A POBREZA DO NEGRO. SE NÃO FOSSE O NEGRO, O BRANCO-RICO NÃO VIVIA. O NEGRO AGE O PESADO E ENFRENTA TUDO QUE APARECER. SE RESPONDI ERRADO, ME DESCULPE. QUEM SOFRE MAIS É O NEGRO COM TODA A POBREZA QUE O BRANCO-RICO TRAZ. O BRANCO-RICO TEM TUDO NA MÃO, TEM TUDO FÁCIL. O RICO TEM O LÁPIS, A CANETA (ANTIGAMENTE, A PENA), GANHA UM SALÁRIO BOM, NA SOMBRA, BEM SENTADO, BEM DESCANSADO. O NEGRO-POBRE, NÃO: ENFRENTA CHUVA, SOL, TERRA QUENTE, ÀS VEZES PASSA POR NECESSIDADE

MARIA DO CARMO

Comunidade Varzinha dos Quilombolas, Sertânia/PE.



Conflitos, em Marobá dos Teixeira - Almenara/MG, 2017. Foto: Edivaldo Ferreira Lopes.

“UM DOS CONFLITOS NA NOSSA COMUNIDADE ACONTECEU NO DIA 24 DE MARÇO DE 2017. CHEGARAM LÁ CHAMANDO PELOS NOSSOS NOMES E DEPOIS ANUNCIARAM UM ASSALTO. SÓ DISSERAM ‘ASSALTO’ PRA DIZER QUE ERA ASSALTO, MAS NUNCA FOI ASSALTO. JÁ FORAM AMARRANDO, BATENDO, QUEBRANDO TUDO, DANDO VENENO PRA TOMAR, FOI POR AÍ. A GENTE FICOU MUITO ABALADO PORQUE NOS DEIXOU COMO MORTO E ATÉ HOJE NÃO TEMOS SOLUÇÃO DE NADA, NEM NA DELEGACIA. QUANDO CHEGAMOS LÁ, ELAS NÃO SABEM NEM ONDE ESTÁ O INQUÉRITO. O ATAQUE QUEM SOFREU FOI EU E A ROSA. A SUSPEITA É DE QUE SERIA O FAZENDEIRO QUE MANDOU FAZER ISSO COM A GENTE”.

JURANDIR TEIXEIRA

Comunidade Quilombola Marobá dos Teixeira, Almenara/MG.



Reunião na Comunidade Varzinha dos Quilombos, Igaraci/PE. Foto: Carmelo Fioraso

“AS PESSOAS TRABALHAVAM DA SEGUNDA ATÉ A QUINTA-FEIRA PRO PATRÃO E, NA SEXTA-FEIRA E SÁBADO, ERA NA ROÇA DELES. A DIÁRIA ERA BARATINHA, BARATA MESMO! PRA GENTE MESMO, NÃO PODIA SE CRIAR UMA GALINHA, NÃO PODIA CRIAR UMA CRIAÇÃO QUE ERA DE MEIA. AÍ A GENTE CERCOU UMA VAZANTE E PLANTOU. TINHA PALMA, TINHA UM ROÇADINHO E TUDO. TAVA MUITO BONITO. O PATRÃO FICOU ESTÚPIDO. AÍ COM POUCOS DIAS, ERAM AS OVELHAS E O GADO ENTRANDO DENTRO DOS ROÇADOS. DENTRO DO ROÇADO TINHA MILHO, FEIJÃO, JERIMUM E BATATA. AÍ, A GENTE SÓ VIA OS BICHOS QUEBRANDO E EU JÁ VENDENDO OS MEUS FILHOS COM FOME NO TERREIRO, TUDO PEQUENO. O MAIS VELHO TINHA O QUÊ? OITO ANOS! EU DIZIA: ‘MEU DEUS, COMO É QUE PODE EXISTIR UMA COISA DESSAS?’ OS MEUS FILHOS COM FOME E A GENTE VENDENDO UMA DESTRUIÇÃO DESSAS!”.

DONA ANTÔNIA

Comunidade Varzinha dos Quilombolas, Sertânia/PE.



Ação de reintegração de posse em Areia Grande, Casa Nova/BA, 2008. Foto: Arquivo CPT Bahia.

“POR VOLTA DOS ANOS DE 1980, TEVE MUITO CONFLITO POR AQUI, FOMOS PERSEGUIDOS, TEVE TIROS, CONFRONTOS TERRÍVEIS E MUITAS AMEAÇAS. EM 2008, OCORRERAM MAIS CONFLITOS PESADOS, QUERIAM NOS TIRAR DAQUI DE QUALQUER JEITO, DERRUBARAM AS CASAS DA GENTE, DERRUBARAM SERVIÇOS, CERCADOS QUE A GENTE TINHA, MATARAM CRIAÇÃO, MATARAM GADO, DESTRUÍRAM MUITA COISA DA GENTE, E ATÉ HOJE AINDA NÃO RECUPERAMOS ESSE PREJUÍZO, PORQUE OS DIAS QUE A GENTE PASSOU FORA, ELES ESPATIFARAM TUDO, FOI UM TERROR PRA GENTE. MAS A GENTE RESISTIU E TÁ RESISTINDO ATÉ HOJE. NINGUÉM DESISTE E NÃO ADIANTA QUE NÓS NÃO DESISTIMOS DAQUI. NÃO VAMOS ENTREGAR ESSA ÁREA PRA NINGUÉM, PORQUE A GENTE NÃO PODE VIVER FORA DAQUI, ESSA ÁREA É MUITO IMPORTANTE PARA NÓS”.

IVO CASTRO REIS

Agricultor da Comunidade de Salinas da Brinca, do território de Fundo de Pasto de Areia Grande, Casa Nova/BA.

“SOMOS DESCENDENTES DE GUERREIROS. TEMOS O SANGUE GUERREIRO, QUE HERDAMOS DE ZUMBI”.

ROMEU DA SILVA SANTANA

Presidente da Associação da Comunidade Quilombola de Atoleiro/PE

“TENHO O MAIOR ORGULHO DE SER QUILOMBOLA. A NOSSA MAIOR CONQUISTA FOI A RETOMADA DA SEDE [DA FAZENDA], PORQUE NINGUÉM PODIA ENTRAR AQUI. OS PODEROSOS ACHAVAM QUE ERA SÓ DELES, E OS VIZINHOS TODOS DIZIAM QUE NÃO TÍNHAMOS DIREITO DE FICAR NA FAZENDA. ENTÃO, DEPOIS QUE ENTRAMOS, AÍ OS VIZINHOS SENTIRAM QUE NÓS TEMOS OS NOSSOS DIREITOS DE ESTAR AQUI. UMA COISA QUE PESOU MUITO FOI O ATAQUE QUE ELAS FIZERAM CONTRA NÓS, MAS NÃO FOI POR ISSO QUE EU ABAIXEI A CABEÇA, NEM OS DEMAIS. NÓS SEGUIMOS EM FRENTE. NÃO PENSAMOS EM DESISTIR POR POUCA COISA. DAMOS FIRME EM SEGUIR EM FRENTE. SE TEM ALGUÉM QUE PENSA EM DESISTIR TALVEZ SEJA O FAZENDEIRO”.

JURANDIR DE SOUZA

Quilombola da Comunidade Marobá dos Teixeira/MG.

“UM CONFLITO QUE ME LEMBRO QUANDO OS FAZENDEIROS QUERIAM COLOCAR O GADO DELES EM CIMA DO TERRITÓRIO E DAS ROÇAS QUILOMBOLAS. ESSE CONFLITO FOI INCLUSIVE ARMADO, COM DEZOITO PISTOLEIROS E DUROU TRÊS SEMANAS. CONSEGUIMOS DIVULGAR E ACESSAR OS ÓRGÃOS QUE PODERIAM RESOLVER O CONFLITO, TAMBÉM FIZEMOS PARCERIAS. ISSO RESULTOU NA PUBLICAÇÃO DO RTID [RELATÓRIO TÉCNICO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO] DA COMUNIDADE”.

MARIA ROSA

Comunidade Quilombola Marobá dos Teixeira, Almenara/MG.

“HOJE OS QUILOMBOLAS SÃO UMA FORÇA SOCIAL EMERGENTE. HOJE OS QUILOMBOLAS ESTÃO SE TORNANDO SUJEITOS DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA, ESTÃO SE ORGANIZANDO INTERNAMENTE NAS COMUNIDADES E ENTRE AS COMUNIDADES, E ISSO É UM NOVO TEMPO QUILOMBOLA. OS QUILOMBOLAS TÊM UM ESPAÇO FÍSICO DE LIBERDADE E ESTÃO CONQUISTANDO OUTROS ESPAÇOS SOCIAIS E ESPAÇOS DE PODER, DE PODER ESCOLHER FAZER O QUE CADA COMUNIDADE CRER QUE É POSSÍVEL FAZER”.

MARIA ROSA

Comunidade Quilombola Marobá dos Teixeira, Almenara/MG.



“Ninguém vai morrer de sede na beira do rio Arrojado”, Correntina/BA, 2017. Foto: Thomas Bauer.



15ª Romaria das Águas e da Terra em Marobá, Almenara/MG, 2011. Foto: Edivaldo Ferreira Lopes.



Comunidade Quilombola de Malhada, em Caetité/BA, 2014.
Foto: Tone Rochael



Sementes crioulas, na comunidade Maurício de Oliveira, em Assú/RN. Crédito: Carmelo Floraso.



Mandioca símbolo da diversidade e resistência, em Marobá dos Teixeira - Almenara/MG, 2017. Foto: Ediel Rangel.

“NÃO PRECISAMOS MAIS SAIR PRA RUA, PRA DORMIR MAL DORMIDO E ESPERAR TER VAGA PARA FAZER FARINHA NOS VIZINHOS. HOJE, O NOSSO ALIMENTO É AQUI MESMO. FAZEMOS A FARINHA AQUI. ESTÁ ENTRE NÓS, NÃO ESTÁ ENTRE OS OUTROS”.

JURANDIR DE SOUZA

quilombola da Comunidade Marobá dos Teixeira/MG.

“TEMOS O PÉ DE MOLEQUE, A TAPIOCA, A PLANTAÇÃO DE MACAXEIRA, O MILHO, A BATATA DOCE, ENTRE VÁRIOS OUTROS ALIMENTOS QUE CULTIVAMOS NA COMUNIDADE. ISSO NOS DEIXA FELIZ: PODER PLANTAR E COLHER COMIDA SEM AGROTÓXICO. PARA NÓS, CUIDAR DA TERRA É MUITO IMPORTANTE. SEM A TERRA E SEM A ÁGUA NÃO TEMOS SAÚDE. MEU DESEJO É QUE A GENTE POSSA VIVER NO TERRITÓRIO,

TRABALHANDO COM DIGNIDADE EM BUSCA DOS NOSSOS OBJETIVOS, PORQUE AINDA TEMOS MUITO O QUE CONQUISTAR EM NOSSA COMUNIDADE”.

CINTIA MENDES BARBOSA

Comunidade Quilombola de Castainho/PE.

“A GENTE TEM TUDO, É UM AMBIENTE GOSTOSO E DE PAZ. A GENTE PLANTA MAXIXE, CRIA GALINHA. AQUI TEMOS ÁGUA, A PALMA, O REMÉDIO CASEIRO, O UMBU. TEMOS A JANELA ABERTA E ESSE AR LIVRE. NA CIDADE A VIDA NÃO É ASSIM. NA CIDADE VIVE COM O DESASSOSSEGO E SOBREVIVE QUEM TEM TRABALHO”.

MARIA DE LURDES SILVA

51 anos, da Comunidade Quilombola de Lagoa do Mato, Caetité/BA.

“TRABALHAMOS NO MUTIRÃO TODA A SEMANA, PARTICIPAMOS DO MUTIRÃO DE ÁGUA, DE CACAU, TEMOS A FARINHEIRA COMUNITÁRIA, ESSAS PRÁTICAS AJUDAM NA CONSTRUÇÃO DA NOVA SOCIEDADE”.

MARIA DA GLÓRIA PINHEIRO DA SILVA

Comunidade Quilombola Marobá dos Teixeira/MG.



Cozinha lugar sagrado, em Lagoa Grande - Jenipapo de Minas/ MG, 2017. Foto: Edivaldo Ferreira Lopes.



Mulher do Quilombolo indígena Tiririca dos Crioulos, em Carnaubeira da Penha/PE. Foto: Plácido Junior



Homem assume tarefa doméstica na zona rural, na comunidade de Baixões, em Barra/BA, 2016. Foto: Thomas Bauer.



"Mão de mulher quilombola que alimenta a comunidade Conceição das Crioulas, Salgueiro/PE. Foto: Renata Albuquerque."

“A RELAÇÃO ENTRE AS PESSOAS AQUI É MUITO BOA, TODOS TRABALHAM PELA COMUNIDADE, PELA NATUREZA. É MUITO IMPORTANTE A UNIÃO NA COMUNIDADE, PELA LUTA E POR GERAR MELHORIAS PARA AS NOVAS GERAÇÕES”.

IZABELA FRANCISCA BARBOSA

Comunidade de Angico, Barra do Mendes/BA.



Mestre Juarez, do quilombo Timbó, em Garanhuns/PE. foto: Acervo CPT NE2.



Roda de São Gonçalo de Dona Delzuita na Comunidade Pau Seco, em Itaguaçu da Bahia/BA, 2017. Foto: Thomas Bauer.



Batuque, em Paraguai - Felizburgo/ MG, 2015. Foto: Edivaldo Ferreira Lopes.



Antonio Piaba no Encontro Geraizeiro, em Correntina/BA, 2017. Foto: Thomas Bauer.

“VIVER EM UM FUNDO DE PASTO É VIVER NUM AMBIENTE TRANQUILO, ONDE TODOS VIVEM EM UNIÃO, CRIAM OS ANIMAIS SOLTOS, UM VIZINHO CUIDA DO ANIMAL DO OUTRO, E TEM MUITOS PARENTES. AQUI A GENTE TENTA MANTER AS TRADIÇÕES DE VÁRIAS GERAÇÕES, NÓS JUNTAMOS VÁRIAS FAMÍLIAS E FAZEMOS AS REZAS, O SÃO GONÇALO”.

ROSÂNGELA SANTOS

Presidente da União das Associações de Fundo de Pasto de Casa Nova, da Comunidade Riacho Grande, do território de Fundo de Pasto de Areia Grande, Casa Nova/BA.

“TEMOS COMO TRADIÇÃO O REISADO. É A NOSSA DIVERSÃO E O MOMENTO DE FESTEJAR E DE LEVAR A PROFECIA. É PRECISO PASSAR ESSA TRADIÇÃO PARA A GERAÇÃO MAIS NOVA. ENSINAR A ELES. PARA UM DIA LEMBRAR: FOI MEU AVÔ QUE DEIXOU”.

SILVANO JOSÉ DOS SANTOS

66 anos, da Comunidade Quilombola de Malhada, Caetité/BA.



Rezadeiras das Almas, em Correntina/BA, 2017. Foto: Thomas Bauer.



Quilombola da Comunidade Castainho, Garanhuns/PE. Foto: Carmelo Fioraso.



A Fé Fortalecendo a Resistência, em Marobá dos Teixeira - Almenara/MG, 2017.
Foto: Edivaldo Ferreira Lopes.



Via Sacra da 39ª Romaria da Terra e das Águas, em Bom Jesus da Lapa/BA, 2016. Foto: Thomas Bauer.

“SOMOS FELIZES AQUI NA COMUNIDADE PORQUE VIVEMOS EM CONTATO DIRETO COM A NATUREZA, COM OS ANIMAIS. EM NOSSAS SERRAS ENCONTRAMOS RIOS E DIVERSAS PLANTAS MEDICINAIS CULTIVADAS POR NOSSOS ANCESTRAIS, UMA NATUREZA QUE SÓ TRAZ BENEFÍCIOS E QUE HÁ HOMENS QUE QUEREM DESMATAR E ACABAR, O QUE NOS ENTRISTECE MUITO. TEMOS SOFRIDO COM ESSES ATAQUES, LEVANTES CONTRA AS NOSSAS SERRAS E COM A CHEGADA DOS PARQUES EÓLICOS”.

EDICLEIA BARBOSA QUIRINO

Comunidade de Fundo de Pasto de Queimada de Rufino, Barro Alto/BA.

“O QUE EU TENHO MAIS ORGULHO DA MINHA COMUNIDADE É O RESPEITO PELA NATUREZA, FLORA E FAUNA, TANTO DE ANIMAIS SILVESTRES QUANTO DOMÉSTICOS, PELA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO, COM OS VIZINHOS, COM O PRÓXIMO”.

DENER RONALDO MENDES DE OLIVEIRA

Comunidade de Fundo de Pasto Várzea Grande, Oliveira dos Brejinhos/BA.

“SEM OS GERAIS (CERRADO) NÃO TEM COMO A AGRICULTURA FAMILIAR SOBREVIVER, ATÉ PORQUE É DE LÁ QUE NASCEM OS RIOS, E SEM A ÁGUA A GENTE NÃO PODE SOBREVIVER. A IMPORTÂNCIA DELE PARA NÓS NÃO É SOMENTE A SOBREVIVÊNCIA DOS ANIMAIS E A

MANUTENÇÃO DAS FAMÍLIAS, MAS COM A GERAÇÃO DAS ÁGUAS, PORQUE MORAMOS NA MAIOR BACIA, E ESSAS ÁGUAS CORREM PERIGO PORQUE O AGRONEGÓCIO COM OS GRANDES EMPREENDIMENTOS ESTÁ INVADINDO O CERRADO. ESSA É UMA ÁREA DEVOLUTA DO ESTADO, E QUE HÁ MUITOS ANOS PERTENCE AOS PEQUENOS AGRICULTORES, COMUNIDADES TRADICIONAIS, QUILOMBOLAS, GERAIZEIRAS, PESCADORES, ENTRE OUTROS, QUE SOBREVIVEM DO CERRADO, DAS PLANTAS MEDICINAIS E DOS FRUTOS PARA VENDER NAS FEIRAS”.

ELIA SODRÉ

Comunidade de Fundo e Fecho de Pasto Pedra Branca, Correntina/BA.



Crianças tomando banho de rio no território Águas do Velho Chico, Ocoró/PE. Foto: Vanessa Acioly.



Produção em Marobá dos Teixeira, Almenara/MG, 2017. Foto: Edivaldo Ferreira Lopes.



O caminho pelo rio, no Quilombo Mangal Barro Vermelho, em Sitio do Mato/BA, 2006. Foto: João Zinclar.

CORDÉIS

COMUNIDADE DE FUNDO E FECHO DE PASTO

Sou de um povo nordestino
 Que digo logo o que acho
 Que mora na serra, na roça
 Onde é feito tudo o que faço
 Sou da terra de caatinga
 Onde a cabaça é a muringa
 Eu sou de fundo de pasto
 É lá que tenho um jeito próprio
 De viver no território
 Onde a terra é garantia de vida
 E as plantas meu consultório
 É onde colho o que planto
 E a comida que eu janto
 Veio da roça e meu criatório
 Fundo e fecho de pasto
 É nossas terras de criação
 Onde nasceu meus avós
 Os meus pais, vem de geração
 É uma inteira comunidade

Que vive na simplicidade
 Que preserva a união
 As comunidades de fundo de pasto
 Tem um jeito próprio de viver
 É só uma terra a de todos
 Pra todos se estabelecer
 Onde nela o povo cria
 Em coletivo e na alegria
 De produzir o que comer
 Nessas comunidade históricas
 De um tudo a gente cria
 Cria muito bode e cabra
 Umas ovelhas e umas galinhas
 Cria também uns porco
 Cria muita abelha no ôco
 E quando pode, uma vaquinha
 E ainda tem a caatinga
 Onde se extrativisa algumas plantas
 O umbu do umbuzeiro

Croatá, marmela e outras tanta
 A gente preserva essas terras
 Pra que nelas não encerra
 A beleza que encanta

E comunidade de fundo de pasto
 Também é organização
 Onde o povo forma grupos
 E cria também associação
 Pra discutir seus problemas
 E de acordo a cada dilema
 Resolver a situação

Representa a própria cultura
 Festeja suas tradição
 Respeita a vida e a morte
 Reza, canta, faz celebração
 A comunidade é o coração central
 Desse modo de vida natural
 De uma grande geração

Mas hoje temos ameaças
 Causadas por fazendeiros
 Que querem roubar as terras
 Também as querem os grileiros
 Pro agronegócio e mineração
 Pra eólica a poluição
 Pra nelas plantar dinheiro

Só visam o lucro dos ricos
 Só querem fazer capital
 Não se importa com quem tá na terra

Nem a causa ambiental
 Querem mesmo é explorar
 E tudo monoculturarizar
 E acabar com o natural

A classe do agronegócio
 De empresas multinacional
 Que junta terra e dinheiro
 E diz que o veneno é o ideal
 Pra vir botar em nossa mesa
 E transformar com certeza
 A vida em artificial

Mas saiba gente brasil
 Que fundo de pasto é resistente
 Porque é de um povo que luta
 Com a gente e por a gente
 Pois nossas terras não é moeda
 E dela noisnum arreda
 Enquanto nois for valente

É porque por aqui
 O que não tenho eu num gasto
 E o respeito entre as pessoas
 É dado encima do rasto
 Pra viver bem natural
 Nas comunidade tradicional
 De fundo e fecho de pasto

ANSELMO FERREIRA
 Comunidade Baixão dos Bois – Campo Alegre de
 Lourdes/BA | 05/03/18



POTÊNCIA E RESISTÊNCIA DE UM GUERREIRO QUILOMBOLA

Quero que você me diga
quero que me diga agora
A potência e resistência
de um guerreiro quilombola
O quilombola é valente
negro forte e lutador,
Veio quebrar todas as correntes
pra mostrar o seu valor
Veio trazido em navio
mas escravo não ficou

O território velho Chico
tem cultura e tradição
Gente forte que tem fé
e nunca foge da missão
Descendente de quem é
dispensa apresentação
Agradeço essa potência
ao meu amigo zumbi
É símbolo de resistência
levou tombo sem cair

Veio mostrar a competência
de quem luta sem fugir

Temos dança de reisado
e jogo de futebol
Nessa luta eu sou fisgada
como peixe no anzol
Nós não somos estrelas no céu
Nós somos o raio do sol
Sou filha de agricultor
quilombola de raiz
O que a vida me ensinou
me tornou um aprendiz
Serão sempre professores
me tornando mais feliz

MARIA SENHORA GOMES DOS SANTOS GONÇALVES



RAÍZES DO MEU QUILOMBO

Vou contar uma história
Que é pra você conhecer
Ficou em minha memória,
jamais irei esquecer
Foi Deus e nossa senhora
que me inspirou a fazer

A minha comunidade
você não sabe qual é
tem dois velhinhos de idade:

tia Joana e tio Né
Digo com muito orgulho
que sou da mata de São José

A mim eles contaram tudo
em uma bela manhã
que alguns vieram de canudos
e outros da serra do Umã
Nossas raízes são velhas
e não queira duvidar

Nós temos muitas culturas
em nosso querido lugar
Os nossos tataravós
sofreram sem desistir
Morreram com muito amor
para nós hoje existir

Somos negro lutador,
negro forte tinha ali
Levavam na boca um trago
difícil de engolir
Mas tem um que agora falo
é o nosso amigo zumbi

Foram trazidos ao Brasil
sem dó e sem piedade
Transportados em navios
por um bando de covarde
Em nenhuma história se viu
tamanho dor e crueldade

Eles eram chicoteados
se caso tentassem fugir
Seus lombos eram cortados
sem ninguém para impedir
Morriam desesperados
sem ter para onde ir

Levaram tronco no lombo
e levaram também o Brasil
Caíram, levaram tombo,
mas ele nunca desistiu
Foi pra formar quilombo
que o guerreiro zumbi fugiu

Vou ficando por aqui,
senhores e senhoras, obrigado por ouvir
essa verdadeira história
Nunca iremos desistir
pois somos irmãos quilombolas
descendentes de zumbi.

JOSÉ DE JESUS GOMES DOS SANTOS



REIVINDICAÇÕES DO RIO SÃO FRANCISCO

Boa noite, minha gente
Estou aqui pra dizer

Seja fiel e consciente
 cuide de mim e de você
 Eu sou apenas uma semente
 Estou vivo, mas posso morrer

Todo dia, o dia inteiro
 Vocês precisam de mim
 Pra por o feijão no fogo
 Também pra molhar o capim
 Cada dia morro aos poucos
 Porque me tratam assim?

Se aumenta a inflação,
 ficam todos preocupados
 rádio e televisão
 deixam todo informados
 Porque não fazem um mutirão
 em prol desde abandonado?

Meu café é esgoto
 Meu almoço, agrotóxico
 Estou até o pescoço
 Poluído de remorso
 Só me enxergam como um poço
 Destinado a negócios

Muitos até se admiram
 e falam da minha beleza,
 Mas poucos se mobilizam
 Em prol da minha defesa
 Até meu coração partiram
 em benefício das empresas

Se queres saber quem sou
 procure no alfabeto
 Sou um velho sofredor,
 morador aqui de perto
 Amigo do pescador
 E refém dos projetos

É triste meu padecer
 É pouco meu respirar
 Estou cansado de sofrer
 Ninguém me escuta gritar
 A minha voz é você
 já que eu não posso falar

MARIA SENHORA GOMES DOS SANTOS GONÇALVES

COMUNIDADES REGISTRADAS

Andaraí (BA)
 Comunidade de Baixões, em Barra (BA)
 Barra (BA)
 Bom Jesus da Lapa (BA)
 Comunidade do Caboclo, em Barra do Mendes (BA)
 Barra do Mendes (BA)
 Comunidade de Engenho, em Caetité (BA)
 Comunidade Quilombola de Malhada, em Caetité (BA)
 Comunidade São Felipe, em Canápolis (BA)
 RESEX Cassurubá, em Caravelas (BA)
 Comunidade de Barra do Parateca, em Carinhanha (BA)
 Comunidade de Fundo de Pasto Areia Grande, em Casa Nova (BA)
 Casa Nova (BA)
 Côcos (BA)
 Vale do Rio Arrojado, em Correntina (BA)
 Comunidade Fecho de Pasto de Vereda da Felicidade, em Correntina (BA)
 Comunidade Salto, em Correntina (BA)
 Correntina (BA)
 Comunidade de Poço de Fora, em Curaçá (BA)
 Comunidade Pau Seco, em Itaguaçu da Bahia (BA)
 Comunidade Genipapo, em Jacobina (BA)
 Assentamento Corte Grande, em Jacobina (BA)
 Acampamento Pilões, em Jacobina (BA)
 Comunidade Angical, Mansidão (BA)
 Comunidade Baixa Verde, em Remanso (BA)
 Comunidade Floreto, em Remanso (BA)
 Comunidade do Zuca, em Ruy Barbosa (BA)
 Comunidade de Igara, Senhor do Bonfim (BA)
 Comunidade Torrada, em Serra Dourada (BA)
 Quilombo Mangal Barro Vermelho, em Sítio do Mato (BA)
 Comunidade Nova Esperança, em Várzea do Poço (BA)
 Comunidade de Carneiro, Xique-Xique (BA)
 Cabeceira do Piabanha, em Salto da Divisa (MG)
 Posseiros de Monte Cristo, em Salto da Divisa (MG)
 Lagoa Grande, em Jenipapo de Minas (MG)
 Marobá, em Almenara (MG)
 Marobá dos Teixeira, em Almenara (MG)
 Mutuca de Cima, em Coronel Murta (MG)
 Quilombo Paraguai, Felisburgo (MG)
 Comunidade Varzinha dos Quilombolas, em Sertânia (PE)
 Comunidade Quilombola de Fidelão, em Capoeiras (PE)
 Comunidade Quilombola de Atoleiro, em Caetés (PE)
 Comunidade Quilombola Castainho, em Garanhuns (PE)
 Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas, em Salgueiro (PE).
 Território Águas do Velho Chico: comunidades quilombolas Umburana, Vitorino Caatinguinha, Remanso e Mata de São José, em Orocó (PE)
 Comunidade Quilombola Mercês, no Cabo de Santo Agostinho (PE)
 Comunidade Quilombola Leitão, em Afogados da Ingazeira (PE)
 Comunidade Quilombola Negros do Osso, em Pesqueira (PE)
 Comunidade do Engenho Ilha, no Cabo de Santo Agostinho (PE)
 Comunidade Quilombola Poço dos Cavalos, bem Itacuruba (PE)
 Comunidade Quilombola Tiririca dos Crioulos, em Carnaubeira da Penha (PE)
 Comunidade quilombola Timbó, em Garanhuns/PE
 Comunidade Jatobá, em Cabrobó (PE)



APOIO:

HORIZONT
3000

Welthaus
DIÖZESE GRAZ-SECKAU



Dreikönigsaktion
Hilfswerk der Katholischen Jungschar